

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCRITOS DE RESISTÊNCIA

Maria do Carmo Galdino
Escritora e Coordenadora do Núcleo de Relações Ètnico-Raciais SMED
Rosália Diogo
Escritora e Doutoranda em Letras/Literaturas -Pucminas
e-mails: sagarana.bh@gmail.com
rosaliadiogo@gmail.com

Resumo

O texto constrói-se como uma retrospectiva e atualização dos estudos sobre as literaturas africanas de língua Portuguesa. Para tanto, relata sobre o projeto Raça, Cor e Etnia, realizado no ano de 2008, pelos programas de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras e em Relações Internacionais da PUCMinas. Tal projeto foi articulado com a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, com a Escola do Legislativo e com a Secretaria Municipal de Educação apresenta-se a importância do trabalho com as obras de literaturas africanas que se tem realizado nessa cidade, bem como revela os aspectos da resistência cultural que permeia a literatura dos escritores mencionados.

Palavras chave : literatura – Africa – resistência

Summary

The text is built as a retrospective and updating of the studies on the African literatures of Portuguese language. For this, it tells on the project Race, Color and Ethnic Group, accomplished in the year of 2008, by the programs of graduation Stricto Sensu in Letters and in International Relationships of PUCMinas. Such project was articulated with the Municipal Foundation of Culture of Belo Horizonte, with the School of the Legislative and with the Municipal General Office of Education. It comes the importance of the work with the books of African literatures that have been accomplishing in that city, as well as it reveals the aspects of the cultural resistance that it permeates the mentioned writers' literature.

Words key: literature - Africa - resistance

O Núcleo de Relações Ètnico Raciais, criado pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, criado desde o ano de 2004, teve como atividade primordial, a pesquisa e seleção de bibliografia que estivesse de acordo com a lei 10639/03. Primeiro pela preocupação em subsidiar os professores e alunos das escolas municipais com leitura e conhecimento sobre a cultura africana e afro-brasileira nas escolas, segundo para proporcionar uma diversidade nas

bibliotecas escolares que, até então, mantinham um acervo de literatura permeada pelo universo eurocentrista.

Na terceira remessa de livros, que foi enviada por meio de um kit de literatura afro-brasileira, foram selecionados alguns títulos da literatura africana de Língua Portuguesa. A intenção de colocar estes títulos ao alcance dos alunos e professores foi o de possibilitar o conhecimento de autores africanos que produzem uma literatura de qualidade. Também, essa literatura mostraria uma África que vai além do que se mostra nos filmes como os animais selvagens e tribos perdidas em florestas e savanas.

Citamos algumas obras e escritores, que foram selecionadas com o objetivo de contribuir para facilitação do conhecimento dessa literatura: A última tragédia, do guineense, Abdulai Sila; O Beijo da Palavrinha, O outro pé da Sereia e o último vôo do flamingo, do moçambicano Mia Couto; e O filho do vento, do angolano, José Eduardo Agualusa.

Outra oportunidade de abrir espaço para essa relação mais próxima foi por meio do Projeto Raça, Cor e Etnia na cultura/literatura entre PUC Minas, Fundação Municipal de Cultura, Escola do Legislativo e Secretaria Municipal de Educação que aproximou professores, alunos, auxiliares de Biblioteca e bibliotecários das escolas municipais através de exposições e mesas redondas escritores como Odete Semedo, de Guiné Bissau (autora de Kunuar) entre outros. Ressalto os diferentes espaços usados para alcançar esse público como Centros culturais, a Escola do Legislativo e a Secretaria Municipal de Educação. Esses momentos foram ricos tanto nas apresentações como na oportunidade de aproximar dessas escritoras percebendo as semelhanças Culturais.

Depois de cada simpósio, seguiam-se oficinas que permitiam a leitura, reflexão e estudo sobre produções de autores africanos. Oportunidade de aprofundamento sobre o estilo e o trabalho com a linguagem que esses escritores criaram.

Assim muitos profissionais de educação da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte enriqueceram seu conhecimento e puderam dar um outro significado para os livros sobre a temática afro brasileira que foram enviados para as bibliotecas escolares. Esse trabalho perpassou todo o ano de 2008, mantendo a organização de um simpósio por mês seguido de duas ou três oficinas.

O projeto Raça, Cor e Etnia foi uma realização dos programas de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras e em Relações Internacionais da PUCMINAS e configurou-se como uma pesquisa se propôs mapear as representações imaginárias de negros e mestiços presentes nas culturas/literaturas brasileira e nas africanas de língua portuguesa. O objetivo central foi mapear as relações de exclusão, os processos de produção material e cultural, as redes de mercado, as migrações de pessoas, culturas e idéias, e as formas de resistência que se agenciam nos espaços subalternos, urbanos e rurais, que demarcam os lugares de circulação dos negros e da diáspora negra no mundo atlântico.

A fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte agrega como unidades, treze Centros Culturais, que são equipamentos situados em regiões periféricas ou de alto índice de vulnerabilidade social, que prestam serviços culturais à população, garantindo a todos o direito à cultura. Esses equipamentos têm por objetivo, difundir, fomentar e favorecer a fruição das práticas e bens culturais, respeitando a diversidade cultural e a identidade local. Nessa medida, é também função dos Centros Culturais desenvolver atividades que discutam a questão no Brasil e em Belo Horizonte, bem como as políticas de promoção raciais dentro da linha dos direitos culturais.

Na avaliação da Fundação Municipal de Cultura, a parceria com o projeto Raça, Cor e Etnia, poderá fomentar muitos debates e reflexões sobre a temática racial dentro das comunidades do entorno dos Centros Culturais. Além disso, propiciará um maior diálogo entre a academia e a comunidade à respeito das questões raciais.

A expectativa é a ampliação do leque de oportunidades para o conhecimento e o trato da temática das relações étnico-raciais no âmbito da secretaria municipal de educação, fortalecendo, sobretudo, o olhar das escolas para o conteúdo expresso no kit de literatura afro-brasileira, que é enviado para as escolas.

A pesquisa transformada no livro *Igualdade das Relações Étnico-Raciais na Escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10639/2003 (2007)* constatou-se que das três capitais pesquisadas, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo, acerca do trabalho com crianças e jovens do ensino fundamental em escola pública, Belo Horizonte tem o maior número de profissionais que utilizam os livros relacionados á temática racial. Essa pesquisa foi realizada por meio de uma articulação entre a Ação Educativa; O Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades; Centro de Estudos Afro-brasileiros, e em parceria com o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil.

Destacamos que Rosália Diogo obteve a aprovação no curso de doutorado na área Letras/Literaturas da Pucminas, em dezembro de 2008, por meio da construção do projeto

“Raça Cor e Etnia na literatura. A pesquisadora alcançou o primeiro lugar na seleção à qual foi submetida, nos garantindo, por tanto o grau de importância que a temática assume para o Programa de Pós-graduação em Letras/Literaturas, da PUCMINAS.

Apresentaremos nesse trabalho, um panorama das literaturas africanas de língua portuguesa.

Para tanto, utilizaremos o trabalho de pesquisa das professoras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira, publicado na revista *Sripta*, publicação da mesma universidade.

Moçambique

Para Fonseca e Moreira, citando pesquisa de Patrick Chabal, a relação do escritor africano, de literaturas africanas de língua portuguesa, com a oralidade, culmina com quarta fase. Tal fase, caracteriza-se pela consolidação do trabalho que se fez em termos literários, momento em que os escritores procuram traçar os novos rumos para o futuro da literatura dentro das coordenadas de cada país, e faz parte ainda, do esforço para garantir para essas literaturas nacionais, o lugar que lhes compete no cenário universal. Entendemos que aí se situa a obra do moçambicano Mia Couto.

Ainda por meio do trabalho das pesquisadores acima mencionados, alguns traços críticos presentes na obra de Mia Couto são factíveis. Podemos citar: a profunda crise econômica e cultural que acompanha o cotidiano da sociedade moçambicana, durante e depois da guerra civil, a problematização acerca da instabilidade na qual está mergulhado o povo moçambicano, a corrupção em todos os níveis de poder, as injustiças como consequência de um racismo étnico, a subserviência perante o estrangeiro, a perplexidade face às rápidas mudanças sociais, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria, o neologismo, tradição oral africana, dentre outros.

Cabo Verde

O impacto do colonialismo não foi tão drástico, impulsivo e dramático em Cabo Verde como o foi nas outras regiões africanas que passaram pelo processo de colonização portuguesa. Essa situação acabou por criar algumas condições necessárias para o aparecimento da literatura cabo-verdiana. Amílcar Cabral (1976, p. 25) informa-nos que “desde muito cedo a terra, bem como os centros de controle e administração, passaram para as mãos de uma burguesia nascida em Cabo Verde, formada, majoritariamente, por mestiços”.

Em seus apontamentos sobre a literatura cabo-verdiana, Cabral (1976) afirma que a poesia que se escrevia em Cabo Verde caracterizava-se por um desprendimento quase total do ambiente, sublimando-se numa expressão poética que nada tinha em comum com a terra e o povo do arquipélago. Para Cabral, possuidores de uma cultura clássica, adquirida

principalmente no Seminário de S. Nicolau, os poetas da geração em referência esqueceram-se da terra e do povo.

São Tomé e Príncipe

A literatura de São Tomé e Príncipe é ainda pouco representativa no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa. No entanto, São Tomé e Príncipe tem sua presença assegurada na história da literatura africana com escritores como Francisco da Costa Alegre e Francisco José Tenreiro.

Francisco José Tenreiro, nascido em São Tomé, em 1921, autor de *Ilha de nome santo* (1942), é considerado um dos marcos da poesia santomense e das literaturas africanas de língua portuguesa. Muitos críticos apontam Tenreiro como o primeiro poeta a imprimir a negritude na poesia africana de língua portuguesa, inspirando-se nos poetas americanos Langston Hughes e Countee Cullen e em Nicolas Guillén. Na obra de Tenreiro, o ideário da negritude motiva uma produção poética mais voltada para as realidades da vida do homem africano, esteja ele no continente ou perambulando pela Europa com o “coração em África”.

Angola

Como acontece com os outros países, a literatura de Angola também reflete a influência de antecedentes e precursores de caráter social, cultural e estético. Além disso, um fator de grande influência é a tradição da oralidade na África, que marca, inclusive, uma identidade cultural expressa na literatura. Alguns nomes de escritores, ainda no século XIX, estão relacionados com algumas obras que delineiam as primeiras manifestações significativas do cenário literário angolano.

Nesse sentido, devem ser destacados, em primeiro lugar, José da Silva Maia Ferreira (Luanda, Angola, 1827 – Rio de Janeiro, Brasil, 1881) e seu livro *Esportaneidades da minha alma: às senhoras africanas* (1849), considerado por alguns teóricos como a primeira obra da literatura angolana. Há, no entanto, divergências a esse respeito. O livro, uma coletânea de poemas dedicados “às senhoras africanas”, foi realmente o primeiro a ser impresso em Angola, logo após a implantação da prensa no país, mas seu autor, Maia Ferreira, não poderia ser apontado como um precursor, já que a sua obra não teve repercussão em outras. A se observar o que diz Carlos Ervedosa (1974, p. 21), Maia Ferreira “é um dos casos típicos da assimilação cultural que se registrava nos primórdios do século XIX”. Talvez por isso possa ser considerado, como querem alguns críticos, antecessor dos precursores.

Guiné-Bissau

Para Moema Augel (2005), a literatura da Guiné-Bissau reflete os caminhos da emancipação bem como o estado emocional dos guineenses ante o que se considera traição dos ideais

revolucionários por parte dos dirigentes. A produção literária contemporânea faz eco, na sua variedade, aos anseios e às preocupações da elite intelectual urbana, inconformada com a situação política e social do país no momento presente. Dada a quase inexistência de fontes escritas de informação, travar conhecimento com as obras que se produzem na Guiné-Bissau desde a independência é uma das melhores maneiras de compreender e apreender essa literatura. Com três romances, *Eterna paixão* (1994), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), Abdulai Sila é considerado o fundador da ficção guineense. Sua escrita não se restringe à simples constatação do desastre em que resultou a libertação do jugo colonialista nem se detém apenas na retratação das mazelas do povo guineense, mas procura e denuncia, direta ou indiretamente, os responsáveis pelos problemas.

Na galeria de personagens de Abdulai Sila destaca-se, no seu terceiro e mais recente romance, intitulado *Mistida* (1997), um desfile alucinante de figuras absurdas: Amambarka, Nham-Nham, Yem-Yem. Sobressai-se, entre esses personagens, Amambarka, parricida ganancioso, viciado e execrável, cujos traços repugnantes foram hiperbolizados pelo romancista até a exaustão. Esse nome foi tirado da língua mandinga, sendo um lexema que tem conotação de coisa ruim, do que não presta. Nham-Nham, onomatopéia indicadora do ato de comer, é um ser repugnante e alienado, cego pelo poder, entorpecido pela bajulação, idiotizado mas perigoso, completamente dependente do diabólico Amambarka. Yem-Yem, o “carrasco”, é outra figura intangível, enredado na busca da palavra esquecida, aterrorizador das pessoas. Esses seres chocantes foram inspirados em pessoas reais, deformadas e caricaturadas. Os protagonistas de *Mistida* (SILA, 1997), aparentemente personagens absurdas, são atores da sociedade atual – e não só da Guiné-Bissau – e estão, cada um a seu modo, em busca de estratégias para a procura de novos sentidos que lhes permitam sobreviver à desestruturação social do país.

A obra “Poéticas Afro-brasileiras”, organizada por Fonseca (2002), contribui sobremaneira com as nossas reflexões. A autora, já na introdução, ao apontar que a literatura tem-se mostrado como um lugar de suma importância para denúncia e resistência dos negros, na esteira do “Renascimento negro”, nos Estados Unidos, momento em que se destacam os nomes de Du Bois e Langston Hughes, ou do conceito de ‘Négritude’, protagonizado por Aimé Césaire, da Martinica, Leon Damas das Guianas, e Léopold Sedar Senghor, do Senegal. Fonseca analisa que, na obra desses escritores, com frequência, as imagens de África e de africanidades perpassam os versos dos poemas e inserem-se nas marcas de um ideal a se conquistar. Nos é caro ainda, saber que a “palavra transgressora” permeou os versos de antologias estrangeiras e brasileiras que acolhem os modos como os negros se vêem em um mundo marcado pela oposição: vencedor/vencido/operário/senhor/patrão.

Necessitamos destacar o trabalho de três autores na mencionada obra. Iniciamos por Cuti, ao nos brindar com as suas argumentações referentes ao fato de que o interlocutor negro do texto emitido pelo “eu” negro, ao se referir aos escritos de um sujeito negro, que não renegue sua experiência subjetivo-racial, eleja o negro como seu interlocutor. Nos interessa ainda bastante, a idéia desenvolvida pelo escritor, de que o branco constituiu uma privação do pensar negro, por meio de várias formas de censura e mesmo de autocensura. No entanto, chegou o momento de se partir para a transcendência do factual, em direção do chamado “universal”.

Outro autor nessa obra que nos chama a atenção é Edmilson de Almeida Pereira. No texto em questão, Pereira trata dos textos do congado, que ele chama de cantopoemas, e que designa como uma parte dos discursos que os devotos elaboram para o período específico das celebrações e que, muitas vezes, acaba por fazer parte do cotidiano daquelas pessoas. Segundo o autor, as letras elaboradas revelam o potencial morfo-semântico da palavra, que na maioria das vezes é pronunciada por um sujeito semi-alfabetizado. Para Pereira, a ênfase sobre o texto, permitiu que se notasse a refinada elaboração da linguagem e dos arranjos sonoros, assim como o perfil criativo de vários indivíduos.

Já Jussara Santos, ainda nos referindo ao trabalho organizado por Fonseca, destaca, sobretudo a obra do escritor modernista, Mário de Andrade, que atribuiu ao modernismo um novo estereótipo em relação ao negro. Nos é bastante interessante a informação que a autora nos traz sobre o pensamento de Andrade, de que estereótipo não se relaciona apenas a caracteres étnicos, mas a uma forma de controle social. Santos nos esclarece que Mário de Andrade, ao considerar a “mestiçagem” como parte da constituição do homem, não poderia de estudar sobre a pluralidade étnica do brasileiro. Para a autora, Macunaíma, obra de notável expressão de Mário de Andrade, revela um herói constituído de vários caracteres e não da negação de um caráter.

Fonseca (2006), organizou um outro trabalho bastante instigante que dialoga com as nossas inquietações. Citando alguns deles, podemos citar o propósito da organizadora da coleção, que é dentre outros objetivos, veicular as representações de negro e de negrura que circulam em diferentes suportes da memória cultural, quer seja, livros, objetos de culto, objetos de arte, pesquisa etnográfica e na criação literária. Destacamos, sobretudo, como parte da organização desse trabalho, o texto de Lídia Avelar Estanislau, que trabalha o conceito de negra, ressignificado, como uma espécie de índice semiótico da revalorização identitária.

O texto de Nilma Lino Gomes, também nos chama a atenção, por tratar do trabalho da autora, por nós desconhecida até então, Ruth Landes, que discute sobre o poder feminino no camdomblé e

a sua importância para os estudiosos das religiões de matriz afro-brasileiras. Temos a convicção que em nosso percurso de pesquisa, fatal e necessária será a abordagem das relações feministas e da religiosidade afro-brasileira. Para esses estudos contamos ainda com a obra de Pereira (2008), Livro de falas/book of voices, que nos esclarece de maneira poética sobre os orixás, e para além do esclarecimento para o público de língua portuguesa, o faz também, por meio de tradução na própria obra, para o leitor de língua inglesa.

Seguramente Assis (2007), é outro teórico com forte influência para a compreensão da literatura com viés africano e da diáspora, por seu trabalho de investigação sobre raça e etnia. Sobretudo a partir do seu minucioso trabalho sobre a afro-descendência de um dos ícones da literatura mundial, o escritor Machado de Assis. Apesar da polêmica sobre a negação do pertencimento racial do renomado escritor, Assis busca elementos em sua obra que contradizem o senso comum sobre o absentismo de Machado de Assis.

Paul Gilroy, em *O Atlântico Negro* (2001), também norteia os nossos estudos, por propor, assim como executado no trabalho de Pereira, acima mencionado, que as culturas negras, longe de serem grandes depósitos de atributos do passado- africano, são projetos de inovação na modernidade, e por vezes, de subversão.

Outro conceito do qual desejamos nos aproximar, nos é apresentado por Charaudeau (1997), o ato de comunicação. Para esse autor, todo ato de comunicação é um objeto de troca entre duas instâncias, sendo que uma das instâncias é a de enunciação e a outra, é a de recepção. Revela-nos ainda que o sentido dessa troca, depende da relação de intencionalidade criada entre essas instâncias. Nos parece ser caro, indicar o aprofundamento de estudos sobre o conceito desenvolvido pelo autor, na medida em que estamos investigando, inclusive, as nuances que perpassam as relações entre brancos e negros.

Lima(1990), é ainda, outra fonte de aprofundamento dos estudos. O autor desenvolve o conceito de persona, buscando compreender por que o indivíduo tem a necessidade de construir uma ficção sobre si mesmo, uma mimese. Nos parece que tangencia bastante da compreensão que temos de que a comunidade afro-brasileira necessita de reconhecimento da profundidade do legado e da herança africana para o Brasil e para o mundo. Tal necessidade, ao nosso ver, constitui-se parte do seu processo de construção identitária. Lima argumenta que se o sujeito não tem um nome, certas características pessoais diferenciadas e outras padronizadas, a sociedade não o entrega os instrumentos de sobrevivência, os modos de comportamento

O autor discorre ainda sobre o conceito de sujeito ficcional. Para Lima, “o ficcional se encontra com a verdade à medida que questiona as práticas da verdade”, e ao fazermos esse movimento de deslocamento, questionamos o que estamos fazendo ali, os papéis que assumimos, etc. No

bojo dos debates e reflexões sobre negritude, pensamos que a questão identitária assume um lugar forte de inquietação.

Por meio desses escritores, pesquisadores e obras, apresentamos para esse Fórum, a nossa compreensão acerca de alguns aspectos sócio-culturais e políticos dos países africanos de literatura portuguesa, bem como da diáspora, que é o caso do Brasil. Na nossa avaliação, tais aspectos marcam os traços de resistência às tentativas de homogeneização e acultramento do legado cultural de africanos e afro-brasileiros.

Referências bibliográficas

DUARTE, EDUARDO DE ASSIS. (2007). Machado de Assis afro-descendente- escritos de caramujo (antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida.

FIGUEIREDO, MARIA DO CARMO LANNA, FONSECA, MARIA NAZARETH SOARES. (2002). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Pucminas, Mazza.

FONSECA, MARIA NAZARETH (ORG.) (2006). Brasil Afro-Brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica

FONSECA, MARIA NAZARETH, MOREIRA, TEREZINHA TABORDA (2004). Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Scripta- Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de estudos Luso-afro-brasileiros, Belo Horizonte, v 3, n.16, PP 20-60, set.

GILROY, Paul. , 2001. O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência; tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34

MEC. (2004). Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília.

PEREIRA, EDIMILSON DE ALMEIDA. (2008). Livro de Falas= Book voices. Juiz de Fora: Funalfa; Belo Horizonte: Mazza Edições.

SOUZA, ANA LÚCIA SILVA, CROSO, CAMILLA (2007). Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Peirópolis/Ação Educativa/Ceafro e Ceert.